

O Valor Contrajuntivo de *Acontece Que*

Contrajunctive Value of *Acontece Que*

Nilza Barrozo Dias*
Karina da Silva Corrêa**

RESUMO

O artigo analisa os micropassos de mudança linguística da construção contrajuntiva *acontece que*, utilizando pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano e da LCU. Ao investigarmos textos dos séculos XV ao XXI, computamos 93 ocorrências em três padrões de uso. O primeiro padrão, contexto-fonte, apresenta o verbo *acontecer* que predica um sujeito oracional, num contexto contrastivo, marcado por oposição lexical; um segundo padrão, [X *acontece que*], contexto crítico, instancia *acontece que* com função de focalizador da informação, sempre antecedido por conectores contrajuntivos, *mas, e, agora*; um terceiro padrão, [*Aconteceque*], contexto isolado, apresenta a gramaticalização de *acontece que* como focalizador e como operador argumentativo de contraste. Observa-se que, dentre os valores semânticos da conjunção prototípica *mas*, propostos por Neves (2011), a construção *acontece que* apresenta: contraposição de informação (parcialmente) nova, restringindo negativamente A; contraposição independente, sendo B um elemento não esperado; ou ainda o elemento B nega tudo o que foi considerado em A.

Palavras-Chave: contraste, contextos, Funcionalismo, mudança linguística.

ABSTRACT

This paper analyzes the linguistic micro-steps changes in *acontece que* construction, based on the theoretical assumptions of Functionalism and LCU. In evaluating texts from the 15th to the 21st centuries, the authors computed 93 occurrences in three models. The first model, normal context, presents the verb *acontecer* that predicates a subjective clause in a contrastive context, with lexical opposition; in the second model, critical context, *acontece que* focuses on the information, always preceded by a contrastive connector: *mas, e, agora*; model three, isolating context, presents the grammaticalization of *acontece que* which functions as a focuser and as an argumentative operator of contrast. It is observed that among the semantic values of the prototype conjunctive *mas* proposed by Neves (2011), *acontece que* presents: opposition of new (partial) information, restricting negatively A; opposition independently, and B an unexpected element; and B denying all the previous information in A.

Keywords: contrast, contexts, Functionalism, language change.

Recebido em 30 de novembro de 2019.

Aceito em 14 de janeiro de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.355

*Universidade Federal Fluminense, nilzabarrozodias@id.uff.br, orcid.org/0000-0003-3521-508X

**Universidade Federal Fluminense, karinacorrea01@gmail.com, orcid.org/0000-0002-9253-0265

Introdução

Objetiva-se, neste artigo, analisar os micropassos de mudança linguística da construção contrastiva¹ *acontece que*, observáveis em dados diacrônicos e sincrônicos, utilizando-nos das propostas de conexão de orações/enunciados do Funcionalismo, e de alguns dos processos cognitivos de domínio geral, tais como *chunking* (agrupamento), analogia e categorização; além dos mecanismos de gramaticalização, com base na Linguística Centrada no Uso, de Bybee (2010).

A nossa hipótese é de que o *acontece que* funciona como operador argumentativo de valor semântico contrajuntivo, apresentando mudança linguística que vai do uso como verbo de acontecimento mais oração subordinada subjetiva, gramaticalizando-se como operador argumentativo, conectando orações e enunciados. A nova construção, segundo Correa (2019), apresenta os seguintes micropassos de mudança linguística:

Quadro 1. Padrões de *acontece que*

Padrão 1- [(x vezes _{adjunto adverbial}) acontece _{verbo} (y vezes _{adjunto adverbial}) [que _{conjunção integrante} + oração subjetiva]]
Padrão 2- [[X _{conector contrastivo} [acontece que] _{focalizador}] _{conector contrastivo/focalizador}]]
Padrão 3- [Aconteceque] _{operador argumentativo/focalizador}

É importante destacar que os três padrões podem coocorrer na atualidade, sendo o primeiro padrão pouco recorrente.

Abordaremos, nos pressupostos teóricos, a articulação de orações, com foco na encaixada completiva e na coordenada contrajuntiva, bem como nos elementos linguísticos que são utilizados no entorno da construção. A seguir, discorreremos acerca de foco sentencial exercido pela construção, que envolve informação nova, e apontaremos os valores semânticos da conjunção prototípica contrajuntiva *mas*, que serão observados nas ocorrências de *acontece que*, padrões 2 e 3, com o intuito de verificarmos a inserção da construção na categoria de construções de contraste. Utilizaremos a proposta de contextos de Diewald (2006), úteis para delinear as características das microconstruções, os processos de domínio cognitivo geral e a gramaticalização, propostos pela LCU, para justificar a mudança linguística. E finalizamos com considerações acerca da nova construção inserida na função de operador argumentativo contrastivo. Por fim, tecemos as considerações finais e as referências bibliográficas.

1 A denominação contrastiva se aplica a um esquema bem mais geral, que pode abarcar as orações contrajuntivas, concessivas, por exemplo. Podemos usar contrastiva por contrajuntiva, e vice-versa, no decorrer do trabalho.

1. Pressupostos teóricos

1.1. A subordinação

A articulação de orações se realiza por coordenação, hipotaxe e subordinação (DECAT, 2014), CASTILHO (2010). O nosso objeto de estudo se dá por subordinação em sua fase fonte. Neste caso, temos uma oração matriz que seleciona uma oração encaixada completiva na função de sujeito sintático, formando ambos uma unidade informacional pela soldadura, conforme Bally (1965). A oração matriz é constituída do verbo *acontecer*, denotando acontecimento; a oração encaixada completiva subjetiva (doravante completiva subjetiva) é iniciada pela conjunção integrante *que*. O cotexto da construção fonte é marcado por adjuntos adverbiais temporais que auxiliam o verbo de acontecimento.

1.2. Os elementos linguísticos no cotexto de *acontece que*

Na análise de *corpus* diacrônico, Corrêa (2019) observou que, no Padrão 1, o verbo *acontecer* em seu sentido pleno (acontecimento) ocorre cercado de adjuntos adverbiais tais como *algumas vezes* e *muitas vezes*, enquanto que no Padrão 2, observou-se que os conectores contrastivos *e*, *agora*, *mas* ocorrem em posição anteposta a *acontece que*. Neste caso, o *acontece que* funciona como um focalizador contrastivo, cabendo aos demais conectores a função contrajuntiva.

O elemento linguístico *vezes* é apontado por Castilho (2010) como advérbio quantificador. O autor classifica os advérbios quantificadores em aspectualizadores semifactivos e iterativos. Estes podem ser subdivididos em escalares (apontam a duração) e vetoriais (especificam pontos no eixo do tempo). No caso do item *vezes*, o autor o coloca na categoria de vetoriais iterativos, que podem indicar quer a quantidade exata de vezes, quer a indeterminação da quantidade apontada. Também Rocha et al (2009) consideram *vezes* como advérbio aspectual, por marcar frequência de eventos. O advérbio temporal *agora* pode funcionar como dêitico, conector adversativo, concessivo e articulador discursivo. Ele ocorre em “contextos dêiticos e opositivos, mas revela, também, sua competência para funcionar, discursivamente, em preenchimento de pausas ou mesmo como sinalizador de digressões ou retomadas” (SILVA e OLIVEIRA, 2012).

No nosso caso, o item linguístico *agora* ocorre no início da sentença, seguido pelo *acontece que*, estabelecendo valor contrajuntivo e o *acontece que* funcionando como focalizador contrastivo. Castilho (2010, p. 581) aponta o *agora* como conectivo que liga segmentos textuais, localizando tais segmentos no espaço do discurso. Também a conjunção *e*, segundo Azeredo (2010, p. 303), pode ligar orações com relação de contraste ou oposição, mas geralmente apresenta um não na segunda oração.

O *mas* é apontado por Neves (2000) como uma conjunção prototípica adversativa, podendo ocorrer entre enunciados ou entre orações, o que depende de determinações pragmáticas. Assim, a autora propõe relações semânticas do *mas* que utilizaremos na análise da construção *acontece que* para verificarmos como a construção se encaixa na categoria de contrajuntivos.

Para Castilho (2010, p. 353), a seleção da conjunção *mas*, em considerando as propriedades semântico-sintáticas, diz respeito aos valores inclusivo/aditivo, bem como contrajuntivo. Pode-se então unir segmentos com itens negativos explícitos ou segmentos com argumentos afirmativos, e, neste caso, o valor contrajuntivo se concentra na conjunção *mas*.

1.3. O foco sentencial

A construção *acontece que* apresenta como uma de suas funções principais a introdução de informação nova ou parcialmente nova. Para Halliday (1994), a focalização é um destaque realizado pelo falante para apontar um bloco de informação, sendo informação nova, mesmo que parcialmente. Para o autor, o foco de uma mensagem é aquilo que é representado pelo falante como sendo novo, textual e, situacionalmente, informação não derivável. Lambrech (1994, p. 207) aponta que o foco é imprevisível e pragmaticamente não recuperável no enunciado. Por informação nova, entende-se aquilo que é apresentado pela primeira vez no texto, ou seja, não é compartilhada com o ouvinte (Prince, 1978).

Lambrech (1994) aponta o foco de uma sentença, ou melhor, de uma proposição expressa pela sentença num determinado enunciado, como um elemento de informação, através do qual a pressuposição e a asserção diferem entre si. O foco é a força de uma proposição que não pode ser tomada como uma concessão no momento da fala. O foco torna um enunciado em uma asserção.

A estrutura de foco pode ser dividida em tipos, de acordo com a porção textual que esteja sendo focalizada. O foco estreito focaliza apenas um argumento de oração e o foco amplo é utilizado pelo falante se ele quiser focalizar um predicado, uma oração, ou um enunciado (LAMBRECH, 1994).

Oliveira (2017) afirma que o foco amplo pode ser classificado em foco de predicado e foco sentencial. Segundo o autor, o foco de predicado é considerado quando “um argumento (geralmente o sujeito) constitui o tópico e o predicado constitui o comentário, em uma perspectiva tópico-comentário” (OLIVEIRA, 2017, p. 66). Já uma estrutura de foco sentencial focaliza tudo aquilo que envolve uma sentença.

Construções de foco também podem ser classificadas de acordo com funções que podem ser função informacional e função contrastiva numa porção textual. O foco com função informacional é uma estratégia que acrescenta uma informação não compartilhada entre falante e ouvinte (Op.cit), enquanto que o foco contrastivo tem a função de transmitir uma informação opositiva em relação a um fato pressuposto pelo interlocutor. Assim, o foco contrastivo

“pode não veicular informação realmente nova para o destinatário, mas algum tipo de informação que o falante ache importante realçar, num conjunto de entidades possíveis, no momento da enunciação, com vistas a corrigir, comparar ou contrapor informação presente em contexto anterior”. (OLIVEIRA, 2017, p. 68)

Pode-se acrescentar à assertiva de Decat (2011, p.114) que a atribuição de foco não só incorpora as estruturas desgarradas, os mecanismos de topicalização e de clivagem como também a construção *acontece que* em estudo, uma construção contrajuntiva que constitui um reforço de estratégia argumentativa, decorrente de objetivos comunicativos do usuário da língua.

1.4. O contraste em estudo

Podemos encontrar a relação semântica de contraste manifestada em orações/ sentenças, tais como nas contrajuntivas, nas concessivas, e mais periféricamente nas alternativas e nas comparativas. Tal relação de contraste na construção em foco se apoia na desigualdade, na quebra de expectativa. Lembrando que o contraste por quebra de expectativas, segundo Longhin (2002), “não decorre da incompatibilidade semântica entre orações, mas, sobretudo, de aspectos ligados ao contexto pragmático, que inclui as avaliações, as crenças e as pressuposições do falante”. (*Idem*, pág. 118). No caso das concessivas, Azeredo (2010, p. 365) afirma que, na relação de desigualdade, o conteúdo da oração principal se realizará independente da proposição concessiva.

Interessa-nos as contrajuntivas em que o segundo segmento contraria as expectativas geradas no primeiro. No caso da conjunção *mas*, prototípica, ela funciona como “um bloqueador de oposição” (CASTILHO, 2010, p. 354); o efeito de contraste resulta de uma quebra de expectativas entre os segmentos A e B, que será percebida como *negação, desigualdade, contrariedade, rejeição, não realização de uma relação de causa e efeito ou curso inesperado de evento*”. (Pezzati & Thomazi, 2008, p. 919); o referido valor contrastivo, segundo AZEREDO (2010), pode consistir –se de (i) uma simples oposição de dois conteúdos; ou de (ii) uma quebra de expectativa criada pela primeira proposição. O autor acrescenta também que a conjunção prototípica *mas* pode ser (iii) focalizadora de circunstâncias e focalizadora contrastiva quando acompanhada do advérbio não.

Para Givón (2001, p. 420), a coordenada, de uma maneira peculiar, retém o *status* de concepções separadas e paralelas. No caso, temos justaposição mental de elementos do mesmo *status* em um frame de atenção *single*. Já com o *mas*, temos unidades coordenadas que se aplicam a uma determinada situação descrita, porém a sentença introduzida pelo *mas* destaca a informação como mais relevante e importante do que a informação da outra coordenada.

Segundo Neves (2000), o valor semântico da conjunção prototípica *mas* pode ser por contraposição e por eliminação.

- A. A contraposição pode ser de três tipos,
- (a) A contraposição na direção oposta pode marcar contraste (exemplo 1), compensação (exemplo 2); restringindo informação do primeiro membro (exemplo 3), por exclusão parcial; e negando inferência (exemplo 4).
 - (1) Jesus, naquela ocasião, não satisfez a curiosidade dos discípulos, mas foi à prática: curou o cego,
 - (2) Curto, mas lido com voz clara e sem hesitações, o discurso no Congresso arrancou aplausos em várias ocasiões.
 - (3) Casou-se, mas não foi com a Luízinha.
 - (4) O Bar do Porco era velho e fedido: era muquinho de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava a fome, engolindo uma gororoba ruim, preta. Mas eu ia.
 - (b) A contraposição pode ser na mesma direção, sendo o segundo elemento superior.
 - (5) O sertão, para ele, não é uma coisa, mas principalmente uma ideia e um sentimento.
 - (c) A contraposição na direção independente tem um segundo membro ainda não considerado
 - (6) O assunto é polêmico, mas o importante é deixar claro que toda relação estatística precisa ser discutida à luz de outros conhecimentos.
- B. A eliminação pode:
- (a) Dar-se no tempo, negando-se a subsequência e não colocando nada em seu lugar.
 - (7) Pensei em falar; em dizer mil coisas que me ocorrem, mas não consegui sequer abrir a boca.
 - (b) Negar a subsequência que vem implícita
 - (8) Era um sono de paz que se espalhava pelo corpo e pelo espírito do velho Noé, mas, súbito, acordou ouvindo um ruído.
 - (c) Dar-se no tempo, com um evento substituindo a subsequência natural eliminada.
 - (9) O primeiro contato não traz o prazer esperado. Torres e pedrinhas magoam-lhes os pés. Mas logo avista, mais adiante, um trecho de lama, boa, lisa, morna, pegajosa.
 - (d) Referir-se a uma relação temporal entre os membros, mas nega-se explicitamente o primeiro membro, cuja negação se refere ao que está posto, pressuposto ou subentendido no primeiro membro coordenado.
 - (10) Você pensa que sabe, mas não.

É bom lembrar que as relações semânticas acima propostas serão aplicadas na análise de dados.

1.5. Mecanismos de mudança linguística

O verbo *acontecer* pode funcionar como oração matriz de uma oração encaixada completiva subjetiva (doravante oração subjetiva), formando a construção *acontece + que*. Neste caso, o verbo faz parte do grupo semântico de acontecimento temporal, ocorrendo a oração subjetiva, preferencialmente,² na posição posposta à oração matriz. Decat (2014), com base em Chafe (1980), aponta a referida construção como uma única unidade informacional, por haver dependência semântica entre oração matriz e oração subjetiva, que ocorre geralmente na posição posposta. A oração subjetiva se integra estruturalmente, como constituinte oracional da oração matriz, numa relação tão forte de dependência que podemos falar em soldadura, nos termos de Decat (2014) e Braga (2001). Com valor de acontecimento, a construção *acontece + que* geralmente se instaura em cotextos contrastivos, com oposição lexical. Temos o Padrão 1:

E Naas lha outo(r)gou com condiçom que a todos quebrasse os olhos dereit(os). A elles nom prouve da p(r)eitesia, e fezerom-no sab(e)r a rrei Saull e ao poboo d’Isrraell, pedindo-lhe que os socorressem. Quando o poboo ouviu isto, chorou e o rrei lhe prometeo acorro e veo ao cerco e matou aquell(e)s que os tinham cercad(os), que pouc(os) [e]scaparam.

Per Naas, que q(ue)r diz(er) s(er)pent(e), se entende o diaabo, que cerca a alma p(er) desvairadas tentaçõ~oes. E **acontece** *alghu~as vezes* **que** ella he tam canssada de longuament(e) combater q(ue) q(ue)r assi como rrequerir paz, isto he, que ella esta’ acerca de consentir e obedecer ao diaabo.

(Livro 2. Caopitulo 58. Fólio 48r. Século XV)

Seguindo o processo de mudança linguística, encontramos o *acontece que* com função de focalizador da informação que o sucede. Neste caso, a construção aparece antecedita de conjunções com valor adversativo, tais como *mas*, *e*, ou ainda advérbio *agora*, que apresentam tal valor semântico contrastivo. Temos o padrão 2:

2 Segundo Dias, Nilza, em comunicação pessoal, a posposição corresponde a 98% das ocorrências analisadas.

Apresentou-se em casa de D. Emília e pediu a mão de Aurélia, que lhe foi concedida. V ao saber que estava justo o casamento da sobrinha, considerou-se o Lemos derrotado em seus planos. Como, porém, era homem que não abandonava facilmente uma boa idéia, cogitou no modo de não perder a partida. A única idéia que lhe ocorreu foi de expediente banal; *mas acontece que* são estes precisamente os que surtem melhor efeito quando se trata de assuntos que se resolvem pelas conveniências sociais. Em sua passagem para a casa de Aurélia, via Seixas à janela, na Rua das Mangueiras, uma menina, apontada entre as elegantes da Corte. Para o nosso jornalista fora inqualificável grosse-ria, encontrar-se com uma senhora bela e distinta, sem enviar-lhe no olhar e no sorriso a homenagem de sua admiração.

(Título: Senhora. Autor: José de Alencar. Ano: 1875)

Finalmente, pelo processo de inferência sugerida utilizada pelo falante, a construção *acontece que* assimila as características da conjunção contrajuntiva prototípica, *mas*, e passa a apresentar várias características da conjunção, gramaticalizando-se e passando a fazer parte do paradigma das construções contrajuntivas. Temos o padrão 3:

Só sei que eles eram bem relacionados com o Cândido, inclusive de fazer visitas familiares, especialmente a doutora Solange. OP - E o seu relacionamento com o doutor Cândido? CL - Eu não o conhecia. Votei nele a pedido de um colega que compunh a mesma chapa. Vim conhecê-lo pouco antes de toda a confusão, durante manifestações dos juizes federais sobre o livre exercício da advocacia. OP - A senhora alega, então, que não cometeu qualquer irregularidade? CL - Não vou dizer que cometi irregularidades porque não cometi. **Acontece que** [como trabalho com um número muito grande de processos, não posso garantir que todos estejam em perfeitas condições]. O trabalho é feito por muitas pessoas. Tenho advogados consorciados e podem haver equívocos. Mas garanto que jamais houve a intenção de não repassar dinheiro. Deus me livre. Se não houve repasse no momento foi devido a muito trabalho.

Title Cleide Lousada. Data: 18/05/1997

1.5.1. Os contextos em que ocorrem as construções

Heine (2003) propõe o *overlap model*, que consiste num processo em que temos: A> AB> B. Ou seja, uma determinada construção, A, é recrutada para gramaticalização no estágio A; ela adquire um segundo padrão de uso, B, que apresenta ambiguidade em relação a A; finalmente, A pode cair em desuso, predominando B na interação verbal. Convém destacar que o estágio intermediário carrega ambiguidade entre o uso origem e o uso alvo, mas no estágio C ocorre

a separação dos sentidos, já que C se convencionaliza numa nova construção gramatical, que é incorporada a outras construções afins, no nosso caso, às construções contrastivas/contrajuntivas.

Heine (2003) usa quatro estágios para explicar o processo de mudança pela gramaticalização. Há o contexto inicial, em que ocorre o significado origem. A seguir, existe um momento de transição em que o significado origem se torna híbrido, permitindo duas leituras, o que é chamado de contexto ponte. Neste estágio, a mudança é motivada por inferências sugeridas e por ambiguidades pragmáticas. Após o contexto ponte, Heine (*Op.cit.*) propõe a existência de um contexto de mudança, em que o contexto origem é separado do significado alvo, que passa a ter apenas uma leitura. Neste momento, o significado alvo é convencionalizado, devido ao aumento da frequência de uso.

Diewald (2006) apresenta uma proposta de mudança por contextos, partindo do contexto normal. Inicialmente, observa-se o contexto atípico, em que ocorre o surgimento de implicaturas conversacionais e inferências, que levam a um novo significado, emergindo novas características na construção. A autora propõe o contexto crítico, que é o estágio que desencadeia o processo de gramaticalização. Neste contexto, temos opacidades semântica e estrutural, o que pode levar a diversas interpretações da construção, propiciando um novo sentido. O contexto isolado é onde ocorre a gramaticalização. Temos contextos específicos que favorecem uma só leitura. No nosso caso, fará parte do paradigma de operador argumentativo de valor contrajuntivo.

O quadro abaixo representa o acima exposto.

Quadro 2. Contextos

Heine	Diewald
Estágio 1: normal	Estágio 0: normal
Estágio 2: contexto ponte	Estágio 1: contexto atípico (implicaturas conversacionais)
Estágio 3: contexto switch (mudança)	Estágio 2: contexto crítico (múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural)
Estágio 4: convencionalização	Estágio 3: contexto isolado (gramaticalização)

A construção *acontece que* pode ser encontrada no estágio 3 de Heine (2003), contexto *switch*, ou no estágio 2, de Diewald (2006), contexto *crítico* como elemento focalizador antecedido de conector contrajuntivo; no contexto 4, Heine (2003), ou no estágio 3 de Diewald (2006), o *aconteceque* funciona como focalizador e operador argumentativo de contraste, por já estar, em um contexto isolado, convencionalizado e gramaticalizado, já integrado ao paradigma da categoria de contraste.

1.5.2. A contribuição dos processos de domínio geral e da gramaticalização, com base na LCU

A proposta dos modelos baseados no uso de Bybee (2016) destaca a contribuição de processos cognitivos de domínio geral (categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal) para o fenômeno de gramaticalização e, conseqüentemente, para a mudança linguística de uma construção. Os mecanismos básicos de mudança que atuam no processo de gramaticalização, segundo a autora, são: *chunking*, redução fonética³, autonomia crescente, generalização para novos contextos por analogia, habituação e inferência pragmática. Combinados a esses mecanismos, Bybee (op.cit.) discute a perda de analisabilidade e de composicionalidade bem como o papel dos esquemas na mudança linguística. Abordaremos apenas o *chunking*, analogia e categorização

O *chunking* ocorre quando duas ou mais unidades se tornam “menos transparentemente analisáveis e mais independentes de outras instâncias de mesmas unidades “ (BYBEE, 2016, p.171), sendo os elementos da construção acessados juntos e ganhando autonomia crescente em relação aos elementos ao seu redor. Isso significa que suas partes perdem suas propriedades individuais e deixam de ser analisadas separadamente. Logo, somente o todo é considerado e não mais as partes da construção de forma individual. Assim, quando a construção é acessada inteira, temos um *chunk* (agrupamento).

O processo de *analogia* é caracterizado como a atribuição de um novo sentido ou forma, levando-se em consideração uma construção previamente existente (Bybee, 2010). A analogia “faz referência a padrões de construções específicos armazenados ou a itens lexicais” (BYBEE, 2016, p. 123). Segundo Bybee (2010), através do processo analógico, traços de uma construção, que já está à disposição no sistema linguístico, são transferidos para outra construção também já disponível para os falantes de uma língua.

A partir da transferência de traços de uma construção para outra, há a formação de uma nova construção. Pode-se falar em processo de analogia quando comparações entre elementos possuem um alto grau de similaridade, o que estabelece uma relação contínua entre analogia e similaridade. Convém destacar que analogia contribui para o processo de gramaticalização já que “uma instância lexical particular de uma construção torna-se autônoma de outras instâncias da construção” (BYBEE, 2016, p. 170). Ainda podemos combinar o conceito de inferência sugerida à analogia. O agrupamento de construções é realizado com bases nos contextos particulares de uso e que, através de inferências, é possível a criação de novos significados já que a repetição de inferências de uso de uma construção induz seu uso em novos contextos.

3 Não abordaremos a redução fonética neste trabalho porque não houve redução fonética durante a mudança linguística de nosso objeto de pesquisa.

A *categorização* (op.cit.) está relacionada ao processo de criação de categorias, ou seja, de agrupamentos, a partir de experiências humanas. Tal processo é realizado com base em propriedades semânticas específicas e concretas de elementos lexicais que criam categorias com propriedade gradiente. Para a autora, a categorização é possível por exemplares, que são formadas a partir das experiências dos falantes. Dentro de uma categoria, existem exemplares mais centrais e exemplares mais marginais. Os mais centrais estão mais próximos de um elemento prototípico, ou seja, aqueles que apresentam a maior quantidade de traços característicos de determinada categoria.

Também a frequência de uso influencia a categorização das construções que estão disponíveis no sistema linguístico. As construções que são mais facilmente acessadas pela memória do falante também podem ser mais usadas como base para a categorização de novas construções. Quando um exemplar é muito utilizado, de alta frequência, ele tende a ser considerado como membro central e prototípico e, assim, passa a ser utilizado como referência para a categorização. A categoria prototípica prevê a contrajunção representada pela conjunção *mas* como exemplar central.

No caso da construção [*Aconteceque*], temos uma microconstrução, visto que suas posições estão preenchidas e são fixas (verbo *acontece* seguida pela conjunção integrante *que*). Pensando em um possível subesquema para a microconstrução em questão, temos o subesquema Verbo+Que, com a posição do verbo aberta para diferentes tipos de verbos.

Quanto ao esquema, mais geral e mais abstrato, temos o esquema X+Que, em que a posição X pode ser preenchida por verbos, ou ainda por preposições, como na construção “exceto que”, por substantivos, como em *ao passo que*, ou por advérbios, como em “logo que” e “ainda que”.

O quadro 2, abaixo, representa a produtividade do esquema [X+que], em que o X (*slot*) pode ser preenchido por palavras de diferentes categorias disponíveis na língua. Em um nível abaixo, no subesquema, representamos o X (*slot*) preenchido com verbos. Em seguida, representamos a microconstrução *acontece que*, que é o objeto de pesquisa deste trabalho.

Quadro 3. Esquema de *acontece que* Fonte: Correa, 2019.

ESQUEMA	[X + que]
SUBESQUEMA	[Xverbo + que]
MICROCONSTRUÇÃO	[Aconteceque]

1.6. A função de operador argumentativo

A construção *acontece que* pode introduzir um enunciado com informações novas contrárias às informações dadas em enunciados anteriores. O operador argumentativo pode apresentar, segundo Koch (1996), algumas relações semânticas, dentre elas, a de contrajunção,

que ocorre quando um enunciado se contrapõe a uma informação com orientações argumentativas contrárias. Também Travaglia (2003) identifica o *acontece que* como um operador argumentativo que introduz contra-argumentos fazendo referência a um item, conjunto de itens ou fatos previamente mencionados, podendo ainda fornecer novas informações ou explicações e justificativas (CORREA, 2019, p. 38). É um caso de gramaticalização de um verbo funcional utilizado para expressar noções semânticas gerais e exercer funções textual-discursivas. Neves (2000, p. 511) propõe que o operador argumentativo serve para (re)direcionar argumentos que são selecionados com a intenção de “levar o interlocutor a uma certa linha de ideias ou delas afastá-lo(...) ou aponta a necessidade de considerar a possibilidade de ligação diretamente com a enunciação”. Castilho (2010, p.237) propõe que tal função é de conectivos textuais, elementos que conectam escopos maiores e devem ser caracterizados como “expressões fôricas, por retomarem o que se disse e anunciarem o que se segue”.

Segundo Correa (2019, pág. 39),

“o produtor de texto prepara o leitor para receber uma nova informação ou para ter conhecimento de um novo fato ao usar o operador argumentativo (...). A novidade pode ser inesperada ou não considerada pelo seu interlocutor. Assim, o operador argumentativo apresenta função catafórica. Ainda conecta partes do texto e pode relacionar pragmaticamente o enunciado anterior ao enunciado introduzido por ele, de forma a estabelecer relações argumentativas entre a informação anterior e a informação nova”.

2. Metodologia

A presente pesquisa é funcionalista e utiliza pressupostos da LCU, com base em Bybee (2016). Ambas as propostas consideram os aspectos gramaticais, semânticos e discursivo-pragmáticos de uso da língua e buscam compreender como uma determinada construção é usada para atender às estratégias de comunicação em determinada situação discursiva. Bybee (2016) considera a língua como um sistema adaptativo complexo, afirmando que “processos de mudança criam estruturas emergentes, pois estes processos ou mecanismos são a base fundamental para a explicação de por que a língua é como é.” (op.cit., pág. 167).

O uso da pancronia se justifica por fortalecer mais a compreensão dos contextos de uso e privilegiar suas características e, assim, podermos comparar os três padrões que instanciam a trajetória de mudança e podermos verificar que pode haver a sobreposição de padrões em um mesmo período temporal. Tal divisão tem o objetivo didático de evidenciar os usos de cada construção, suas características identificadoras, o auxílio do cotexto discursivo com elementos lexicais contrastivos, com adjuntos adverbiais temporais de valor aspectual, ou ainda pelo auxílio de determinados conectores contrajuntivos. Desse modo, a língua é vista “tanto como variável quanto tendo categorias gradientes” (op. cit., pág. 168).

Optamos por analisar o fenômeno em textos da modalidade escrita, compreendendo o período entre os séculos XIV e XXI, já que não foi encontrada a construção em ocorrências anteriores ao século XIV. Para tanto, selecionamos trechos que antecederiam e sucediam a construção *acontece que*. Utilizamos tanto uma análise qualitativa, observando o contexto de uso e seus valores pragmático-discursivos, quanto uma análise quantitativa como evidenciadora de tendências, verificando a frequência de uso de tal construção.

Realizamos a busca e a coleta de ocorrências do verbo *acontece* usado próximo à conjunção integrante *que*, através da ferramenta “localizar”, nos respectivos bancos de dados. A busca foi realizada nas seguintes amostras *online*: Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), Para uma História do Português Brasileiro (PHPB), Domínio Público (DP) e Corpus do Português (CP). Todos os dados do século XXI foram coletados também do banco do Corpus do Português (CP), seção atualidade. Foram encontradas 93 ocorrências, coletadas no período de agosto de 2018 a outubro de 2018. As características de cada construção em cada padrão, em seus contextos, são detalhadas no capítulo de análise de dados.

2.1 *Corpus* diacrônico

O Corpus Informatizado do Português Medieval⁴ (CIPM) é um banco de dados composto por textos portugueses medievais e criado por linguistas e estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal, em 1993. O banco de dados é formado por textos latino-romances e por textos portugueses, sendo a construção *acontece que* identificada a partir do século XIV. Os textos são de tipo notarial, crônicas e textos em prosa, já publicados ou fornecidos pelos próprios editores. O Domínio Público instancia ocorrências dos séculos XVI e XVII, e o PHPB, ocorrências do século XIX.

2.2 *Corpus* sincrônico

Os dados do século XXI da presente pesquisa foram coletados da parte destinada ao português moderno do banco de dados do Corpus do Português⁵. Os dados do português moderno do CP contêm aproximadamente um bilhão de palavras retiradas de mais ou menos um milhão de páginas da internet.

Para compor esta parte dos dados, buscamos as ocorrências de *acontece que* e selecionamos trechos de textos em que tal construção é utilizada. Os textos selecionados são publicações em blogs particulares e jornais *online* disponíveis na internet. Os textos coletados

4 <http://cipm.fcsh.unl.pt/>

5 <https://www.corpusdoportugues.org/>

foram publicados neste século XXI, são do tipo dissertativo-argumentativo e apresentam opiniões, relatos e narrações de acontecimentos que retratam o ponto de vista do escritor do texto. As ocorrências de *acontece que* foram registradas com os seguintes números:

Quadro 4. Padrões e *Corpora*

Itens verificados/Padrões	Banco de dados	Século	Número de Ocorrências
Padrão 1	CIPM	XIV	4
	CIPM	XV	10
Padrão 2	Domínio Público	XVI	1
	Domínio Público	XVII	1
	PHPB	XIX	2
	Corpus do Português	XX	7
Padrão 3	Corpus do Português	XX	10
	Corpus do Português	XXI	58
Total de ocorrências:			93

Para análise quantitativa dos dados, utilizamos o programa estatístico GoldVarb a fim de compreendermos melhor, de modo holístico, o comportamento da construção nas situações de uso e levantarmos observações com o auxílio de Neves (2000) que justificassem a percepção acerca dos processos cognitivos de domínio geral, propostos por Bybee (2016).

Levantamos as seguintes características:

Quadro 5. Relações semânticas

Contraste pelo cotexto
Restrição com acréscimo de um elemento Positivo
Restrição com acréscimo de um elemento Negativo
Restrição parcial por Exclusão
Argumento não esperado
Eliminação de todo o argumento anterior
Negação com Inferência
Argumento Superior (com advérbios)

3. Análise de dados

Apresentamos a seguir uma proposta de mudança linguística para a construção *acontece que*, através do processo de gramaticalização, dividida em três padrões. As microconstruções foram identificadas através da seleção e análise de textos datados do século XIV até o século XXI.

Destacamos o fato de que é possível haver ocorrências das construções dos três padrões simultaneamente. Entretanto, o objetivo desta pesquisa é identificar os micropassos de mudança a partir dos processos cognitivos de domínio geral e dos mecanismos de gramaticalização. Portanto, nosso foco é verificar as motivações de mudanças de uso e as alterações de características de um padrão para outro. A descrição dos padrões é retomada de acordo com o quadro abaixo.

Quadro 6. Padrões do *acontece que*

Padrão 1- [(x vezes _{adjunto adverbial}) acontece _{verbo} (y vezes _{adjunto adverbial}) [que _{conjunção integrante} + oração subjetiva]]
Padrão 2- [[X _{conector contrastivo} [acontece que] _{focalizador}] _{conector contrastivo/focalizador}]]
Padrão 3- [Aconteceque] _{operador argumentativo/focalizador}

PADRÃO 1

No padrão 1, ocorre o uso do verbo pleno *acontecer* como oração matriz, seguida pela conjunção integrante *que*, em um cotexto contrastivo e marcado pela presença de adjuntos adverbiais temporais.

(1)

E, como quer que nós isto começássemos de fallar en como os reys devem poor as batalhas e depois tornamos a dizer como se as batalhas aviam de poor de poucos a muytos, diriam alguns que os reys non poderiam teer tam pouca gente en que esto pudesse cair en elles. E esto non se faz assi, ca muytas vezes acontece que os reys algU~as vezes pelejam con poucas gentes, mays, en esto assi dizer, non devem dar por ello muyto, ca, se as mays graves cousas som repairadas. Livro de Montaria – Século XIV (Corpus CIPM)

O exemplo (1), século XIV, apresenta cotexto contrastivo, em que a sentença anterior afirma que “os reys non poderiam teer tam pouca gente en que esto pudesse cair en eles” e, em seguida, há a informação de que sim, muitas vezes, os reis lutam com poucas pessoas. O

exemplo instancia o padrão 1, em que foi utilizado o verbo *acontecer* (verbo pleno), na oração matriz, com valor lexical de acontecimento/realização de evento, seguido de oração completiva subjetiva, formando uma unidade informacional, uma soldadura, nos termos de Bally (1965). A presença do adjunto adverbial aspectual *vezes* evidencia a repetição de ocorrências de um evento, que neste caso é o combate. Temos aqui o exemplo de contexto *fonte*.

PADRÃO 2

Agora, analisaremos, nesta seção, a construção $[[X_{\text{conector contrastivo}} [\text{acontece que}]_{\text{focalizador}}]]$, encontrada em dados dos séculos XIX a XXI. Devido à existência de opacidade semântica e de alterações estruturais, relacionamos os dados do padrão 2 ao contexto crítico de Diewald (2006).

(2)

Dentro dos sindicatos, temos filiados a diversos partidos, com predominância para o PT e o PSB. Mas, acredito que se o trabalhador rural tivesse consciência política, faria todos os governadores. Somos a maior categoria no Estado. Sei que o nosso voto vale tanto quanto o dos demais, mas acontece que o analfabetismo e a pressão psicológica em que a pessoa do campo vive, são muito fortes. E ainda tem a fome. Ninguém consegue pensar de barriga vazia. O processo de conscientização política para as camadas mais pobres, sejam rurais ou urbanas, ainda é um problema muito sério. (Título: Manoel dos Santos. Data: 09-14-1997)

Em (2), destacamos a sentença “Sei que o nosso voto vale tanto quanto o dos demais” que é contrastada com “*mas acontece que o analfabetismo e a pressão psicológica em que a pessoa do campo vive são muito fortes.*” Neste caso, após o uso de *mas acontece que* são apresentados dois contra-argumentos: o analfabetismo que atinge a população rural e a pressão psicológica que essas pessoas sofrem. Desta forma, observamos que o conector contrastivo *mas* é usado para contrapor a informação que introduz, em relação à informação da sentença anterior, e a sequência *acontece que* é usada para dar foco à informação nova.

Verificamos que, assim como nos dados do padrão 1, nos contextos dos dados do padrão 2, também há a presença de elementos lexicais opostos e informações contrárias, seja explicitamente ou por inferência, podendo ser total ou parcial. Outra característica semelhante à do padrão 1 é o fato de a sentença com o verbo *acontecer* ser sempre carregada de informação nova ou parcialmente nova, com retomada de pelo menos um elemento de sentença anterior.

Ainda comparando os dados do padrão 1 com os dados do padrão 2, observamos como características distintas a ausência do uso do adjunto adverbial próximo ao verbo *acontecer* e a presença do conector contrastivo, geralmente o *mas*, anteposto ao verbo de acontecimento.

PADRÃO 3

As ocorrências do padrão 3 correspondem ao contexto de isolamento de Diewald (2006). Neste caso, podemos ter sobreposições de relações semânticas sobre a relação contrajuntiva. A construção formada por [*aconteceque*] revela fazer parte da categoria de operador argumentativo contrastivo, que se tornou autônoma através do mecanismo de habituação de uso.

(3)

A França, tradicional inimiga da Inglaterra, tinha um exército muito poderoso e era governada por um grande general, Napoleão Bonaparte, que não conseguia dominar a Inglaterra.

Para enfraquecer a Inglaterra, desorganizando sua economia, Napoleão decretou o “Bloqueio Continental”, proibindo que os países da Europa comprassem os produtos ingleses. *Acontece que*, [Portugal era aliado da Inglaterra, assim não podia aceitar o “Bloqueio”]. Assim sendo, Napoleão resolveu invadir Portugal.

[Http://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-corte-portuguesa-no-brasil.html](http://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-corte-portuguesa-no-brasil.html)

Observamos em (3) que, na construção [*acontece que*], houve a perda da capacidade de predicar do verbo *acontecer* e a perda do valor semântico de acontecimento; o *que* deixa de funcionar como introdução de oração completiva subjetiva e passa a ser processado junto com o verbo num processo de *chunking* (agrupamento). Verificamos também o aumento da autonomia da construção [*acontece que*] na sentença “Acontece que, Portugal era aliado da Inglaterra, assim não podia aceitar o “Bloqueio” e de forma mais integrada, formando um *chunk*. Ainda, o destaque para tal sentença é feito através da focalização sentencial contrastiva realizada por [*acontece que*]. Devido ao uso de *mas* anteposto à *acontece que* com grande frequência em dados diacrônicos, o traço contrastivo do *mas* é transferido para [*acontece que*], por analogia, o que nos leva à inferência sugerida e à mudança do estatuto gramatical de [*acontece que*]. Assim, ao mudar de categoria, a construção [*aconteceque*] passa a ter funções próprias da relação contrajuntiva: introdução de contra-argumento de valor contrastivo contrajuntivo e manutenção da função semântico- discursiva de focalização da informação nova [*Portugal era aliado da Inglaterra, assim não podia aceitar o “Bloqueio”*], que, ao mesmo tempo, é um fato inesperado na contraposição.

Definimos, então, tal uso como pertencente ao padrão 3, com a construção gramaticalizada. É uma nova construção que vai pertencer à categoria de elementos contrastivos, instanciando o contexto isolado de Diewald (2006).

(4)

Isso faz com que se perca o grande estímulo do nosso turismo, os preços. JC - O senhor está pessimista. Por que? Da Mata - Estou vendo no dia-a-dia uma legião de [pequenos empresários quebrando]. A quebradeira está enorme. Isso é verdade, não adianta escamotear a verdade. *Acontece que* o [ajuste da economia tem sido em cima dos pequenos e médios] [por conta da elevadíssima taxa de juros]. O governo alega que tem de ficar assim para equilibrar as finanças. Claro, está alta porque financia o déficit interno. Se baixar, o governo não vai suportar porque a pressão das taxas é precisamente dos credores da dívida interna brasileira. Título Nelson da Mata. Data: 17/08/1997

No trecho (4), em meio a dificuldades financeiras do país, o autor do texto apresenta o fato de pequenos empresários estarem “quebrando” financeiramente. Observamos a contra-argumentação através de inferência, pois, se os pequenos empresários já estavam quebrados, os mesmos deveriam ficar de fora do ajuste na taxa de juros. A construção analisada introduz uma informação nova, que são os ajustes feitos em cima das empresas dos pequenos empresários, que se opõe à expectativa gerada pelo enunciado anterior [*pequenos empresários quebrando*].

Ao aplicarmos o processo de analogia, proposto por Bybee (2016), a partir do uso do *mas* em dados do padrão 2, observamos que a construção assimilou, pelo uso, o traço contrastivo e os valores semântico-pragmáticos peculiares da conjunção prototípica *mas*. Desse modo, pelo processo de analogia, desencadeia-se a inferência sugerida, que licencia o uso da nova construção, no padrão 3, como construção de foco contrastivo. Observa-se também que o uso sequencial dos elementos *acontece* e *que* propiciam a identificação do *chunking* proposto por Bybee (op.cit.), ou seja, o uso dos dois elementos seguidos passa a ser um todo, sendo acessados ao mesmo tempo.

Enquadramos este dado no padrão 3, que se encaixa no contexto de isolamento, conforme Diewald (2006), por ser a construção [*aconteceque*] um *chunk* (agrupamento), que passa à nova função de introduzir um (a) novo (a) argumento/informação, ou seja, um operador argumentativo de contraste, que se tornou autônomo através do mecanismo de habituação de uso.

4. Considerações gerais sobre os padrões

Foram observadas características no uso da construção de cada padrão. Destacamos para este trabalho algumas observações. Primeiramente, foram identificados os seguintes tipos de marcação de contraste, conforme Correa (2019), com base na aplicabilidade dos tipos de relações semânticas de Neves (2000) e na identificação de características advindas da análise de dados.

Tabela 1. Tipos de marcação de contraste

Tipo de marcação de contraste expresso na informação nova (ou parcialmente nova):	Padrão 2
Contraste lexical pelo cotexto	0
Restrição com acréscimo de um elemento positivo	1
Restrição com acréscimo de um elemento negativo	0
Restrição parcial por Exclusão	2
Argumento não esperado	0
Eliminação de todo o argumento anterior	2
Negação com Inferência	3
Argumento superior (com advérbios)	1

No que concerne à forma da construção do padrão 3, a construção é usada em posição fixa de início de sentença, sem possibilidade de deslocamento com o verbo *acontecer* flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. O verbo não seleciona mais argumento sujeito, a conjunção integrante deixa de exercer seu papel de introduzir orações completivas subjetivas e a construção passa a formar uma nova construção com o verbo *acontecer*.

Com relação ao sentido, há um desbotamento e uma abstração do valor semântico do verbo, ou seja, o item deixa de ser um verbo pleno, sai da categoria do léxico, e passa a pertencer à categoria gramatical de operador argumentativo unido à conjunção *que*. Assim, não há dependência semântica entre o verbo e a oração seguinte como seu complemento. O [*acontece que*] torna-se autônomo.

Tabela 2. Tipos de marcação de contraste

Tipo de marcação de contraste expresso Informação nova (ou parcialmente nova):	Padrão 3
Contraste lexical pelo cotexto	0
Restrição com acréscimo de um elemento positivo	8
Restrição com acréscimo de um elemento negativo	31
Restrição parcial por Exclusão	5
Argumento não esperado	10
Eliminação de todo o argumento anterior	10
Negação com Inferência	0
Argumento superior (com advérbios)	4

Apresentaremos a seguir a distribuição das ocorrências por séculos. O padrão 1 tem ocorrências dos séculos XIV ao XX, caracterizando o uso da construção origem. Não foram encontrados dados correspondentes ao século XVIII registrados nos bancos de dados utilizados nesta pesquisa. Por isso, não há uma barra no gráfico correspondente a ele.

A presença do *mas*, *e*, *agora* antepostos ao verbo *acontecer*, caracterizando o padrão 2, tem seu início de uso no século XIX e permanece até o século XXI. E a construção gramaticalizada como operador argumentativo aparece com maior frequência no padrão 3, mas teve seu início observado no século XX, juntamente com o uso do padrão 2. Lembramos que podemos identificar os três padrões no português contemporâneo.

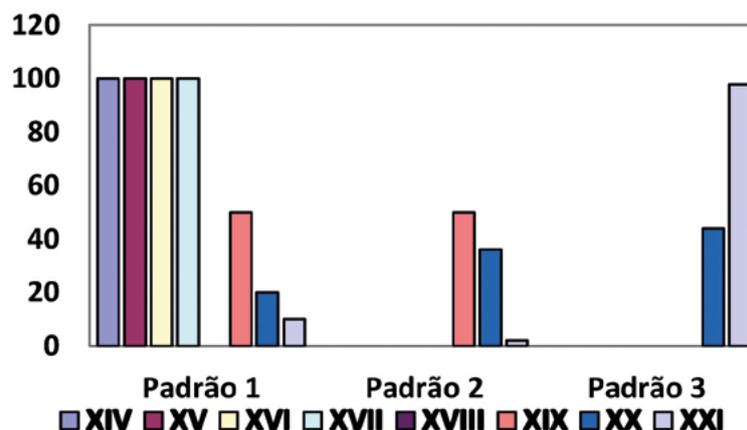


Gráfico 1. Padrões X séculos

Na verificação dos micropassos de mudança da construção, identificamos o processo de gramaticalização através dos mecanismos básicos de mudança postulados por Bybee (2016), que são a generalização por analogia, a habituação, a autonomia crescente e a inferência sugerida. Tais mecanismos foram verificados durante a análise dos dados, confirmando que os mecanismos de gramaticalização podem explicar a criação da construção [*aconteceque*].

Com relação aos processos cognitivos de domínio geral, confirmamos a criação de um *chunking*, ou seja, o processo cognitivo de domínio geral em que dois elementos são acessados juntos em sequência; e a criação de uma nova construção de contraste para fazer parte da categoria dos operadores argumentativos de contrajunção, ou, ainda, das construções contrajuntivas. Isso pode ser explicado através do processo de categorização, pois, através dos traços similares, há o agrupamento de uma nova construção, tornando-a um membro não prototípico da categoria.

Tal categoria tem o *mas* como seu representante central e mais frequente. Assim, a construção [*aconteceque*] faz parte da categoria dos operadores argumentativos como uma

construção de contrajunção que está à margem da categoria, ou seja, é um membro marginal enquanto que o *mas* é o membro prototípico.

Podemos dizer que o *mas*, usado no padrão 2, tem um papel importante na formação da construção *acontece que*, pois o mesmo, por analogia, toma emprestado características de contraste do *mas*, *e*, *agora*, o que torna possível o uso de [Aconteceque] nesse contexto contrastivo sozinho, no padrão 3, para cumprir a função tanto de introdução de contra-argumento quanto de focalizador contrastivo.

Identificamos, também, o processo de reanálise ao observarmos os dados selecionados e seus traços de mudança. No padrão 1, os dados apresentam o uso de *acontecer* como verbo pleno que faz parte de uma oração matriz. O verbo é seguido por *que*, a conjunção integrante responsável por unir a oração matriz e a oração encaixada.

Já nos padrões 2 e 3, analisamos os dados como a reinterpretação de uso do verbo seguido da conjunção em novo contexto. Nos padrões 2 e 3, sem a presença de adjuntos adverbiais e em posição inicial de enunciado, a construção “acontece que” exerce a função de introduzir uma porção textual maior com a presença de um contra-argumento em relação ao enunciado anterior, focalizando a informação (parcialmente) nova.

Confirmamos, então, a reanálise, que é definida por Bybee (2016) como um processo que contribui com a gramaticalização de uma construção, em seu processo de mudança, uma vez que uma nova construção ([*aconteceque*]) foi criada a partir da reinterpretação de uma construção já existente na língua, com item lexical (*acontece* como verbo pleno e *que* como conjunção integrante). Verificamos a perda de composicionalidade visto que não há interpretação de significado de cada elemento, mas sim o todo (*chunking*).

As características apresentadas até aqui configuram um processo de mudança gradual de uso dos elementos *acontece* e *que* em novos contextos, conforme o passar dos anos. Diante disso, entendemos que, com base na análise de uso da construção [*aconteceque*] no padrão 3, todos esses processos e mecanismos aqui verificados estão interligados e podem contribuir para esclarecer o processo de mudança linguística através do fenômeno da gramaticalização da construção.

Conclusões

Identificamos os micropassos de mudança linguística da construção *acontece que* e confirmamos a nossa hipótese de que a construção funciona como operador argumentativo de contrajunção. A referida mudança linguística instaurou-se através do processo de gramaticalização, já que a construção deixou de funcionar como oração matriz + oração completiva subjetiva, passando a assimilar valor contrastivo do contexto linguístico e da presença de conectores contrastivos, frequentemente a conjunção prototípica *mas*, e mais raramente *e*,

agora, sempre na posição anterior à *acontece que*, que passa a apontar para a informação nova, focalizando-a. Finalmente, o *acontece que* gramaticaliza-se como operador de foco contrastivo, perde algumas funções, é reanalisado e adquire novos usos, passando a fazer parte de uma nova categoria, mas convivendo com os padrões anteriormente identificados.

A partir de mecanismos dos processos cognitivos de domínio geral, tais como *chunking*, analogia e categorização; além dos mecanismos de gramaticalização, com base na Linguística Centrada no Uso, verificamos os micropassos de mudança linguística de *acontece que*, uma vez que há alteração de propriedades no nível da forma e do sentido, destacando-se o valor temporal usado pelo falante para expressar contraste no português, fato também observado no inglês por Hilpert (2013).

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BALLY, Charles. Linguistique générale et linguistique française. 4 ed. Editions Francke Berne, 1965 [1944].
- BRAGA, Maria Luíza. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2º semestre 2001.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (Orgs.). *Handbook of Historical Linguistics Structure*. Oxford: Blackwell, 2003.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição* / Joan Bybee; tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto. (768 p.), 2010.
- CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: Chafe, Wallace L. *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: University of Chicago, 1980.
- CORRÊA, Karina da Silva. A mudança linguística da construção "acontece que". Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional". *SCRIPTA*, Belo Horizonte, p. 23-38, 1º semestre, 1999.
- DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. *Estruturas "desgarradas" em língua portuguesa*. São Paulo. Pontes Editores, 2011.
- _____. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. In: *Revista Veredas on-line*. 2014/2 - pág. 123-135 – PPG-LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA /MG.

- DIEWALD, G. (2006). Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9/2006. Disponível em: www.constructions-online.de:0009-4-6860>.
- GIVON, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; Sousa, Gisele Cássia de; Casseb-Galvão, Vânia Cristina. As construções subordinadas substantivas. In: Castilho, Ataliba T. de (org). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London/New York: Arnold/Oxford University Press, 1994 [1985].
- HEINE, Bernd. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I; DIEWALD, G. (Eds.). *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- HEINE, Bernd. “Grammaticalization”. In.: JOSEPH, Brian. & JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- HILPERT, Martin. *Constructional Change in English*. Cambridge University Press, 2013.
- KOCH, Ingedore; G. VILLAÇA. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1996.
- LAMBRECHT, K. Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.
- OLIVEIRA, Diego. *Construções de foco com o marcador “éto” em russo*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- LONGHIN, Sanderléia Roberta. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- MARTELOTTA, Mário E. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In *Votre et al.* (org.), pp. 103-106, 2007.
- NEVES, Maria H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Simone da Silva de. *Construcionalização/mudanças construcionais de porém, contudo e todavia: um estudo panorâmico à luz dos modelos baseados no uso*. Tese de (doutorado) - Rio de Janeiro: UFRJ / Letras, 2018.
- PEZATTI, Erotilde G. & LOGHIN-THOMAZI, Sanderleia. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, v. II, 2008.
- PRINCE, E. A comparison of wh-clefts and it-clefts in discourse. *Language* 54, 1978. 883–906.

SILVA, C. e Oliveira, M. José. Revista do GELNE, Natal/RN, Vol. 14 Número Especial: 57-76. 2012.

ROCHA, Maura A. Freitas; Lopes, Ruth E. Vasconcellos. In: Castilho, Ataliba T. de (org). Gramática do português culto falado no Brasil. Vol 3. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

TAYLOR, John R. Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory. New York: Oxford University Press, 1995. P

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). “A gramaticalização de verbos”. In: Henriques, Cláudio Cezar (org.). Linguagem, conhecimento e aplicação – Estudos de língua e linguística. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003: 306-321.